

Saúde em Debate 333

DIREÇÃO DE

Gastão Wagner de Sousa Campos

José Ruben de Alcântara Bonfim

Maria Cecília de Souza Minayo

Marco Akerman

Yara Maria de Carvalho

EX-DIRETORES

David Capistrano Filho

Emerson Elias Merhy

Marcos Drumond Júnior

É por certo a saúde coisa mui preciosa, a única merecedora de todas as nossas atenções e cuidados e de que a ela se sacrifiquem não somente todos os bens mas a própria vida, porquanto na sua ausência a existência se nos torna pesada e porque sem ela o prazer, a sabedoria, a ciência, e até a virtude se turvam e se esvaem.

— Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592).
Ensaio. “Da semelhança dos pais com os filhos”.

Trad. Sérgio Milliet

SAÚDE EM DEBATE

TÍTULOS PUBLICADOS APÓS DEZEMBRO DE 2018

- A Ampliação do processo de privatização da saúde pública no Brasil*, Jília Amorim Santos
Escola para todos e as pessoas com deficiência: contribuições da terapia ocupacional, Eucenir Fredini Rocha, Maria Inês Brito Brunello, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza
- Bases teóricas dos processos de medicalização: um olhar sobre as forças motrizes*, Paulo Frazão e Marcia Michie Minakawa
Corpo com deficiência em busca de reabilitação? A ótica das pessoas com deficiência física, Eucenir Fredini Rocha
Crianças e adolescentes com doenças raras: narrativas e trajetórias de cuidado, Marthá Cristina Nunes Moreira, Marcos Antonio Ferreira do Nascimento, Daniel de Souza Campos & Lidiane Vianna Albernaz (orgs.)
- Bases da toxicologia ambiental e clínica para atenção à saúde: exposição e intoxicação por agrotóxicos*, Herling Gregorio Aguilar Alonzo & Aline de Oliveira Costa
- Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde*, Rosilda Mendes, Adriana Barin de Azevedo & Maria Fernanda Petrolí Frutuoso (orgs.)
- Percepções amorosas sobre o cuidado em saúde: histórias da rua Balsa das 10*, Julio Alberto Wong Un, Maria Amélia Medeiros Mano, Eymard Mourão Vasconcelos, Ernande Valentin do Prado & Mayara Floss
- Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*, Carla Regina Silva (org.)
- A experiência do PET-UFF: composições de formação na cidade*, Ana Lúcia Abrahão & Ândrea Cardoso Souza (orgs.)
- Olhares para a saúde de mulheres e crianças: reflexões na perspectiva das boas práticas de cuidado e de gestão*, Maria Auxiliadora Mendes Gomes, Cynthia Magluta & Andreza Rodrigues Nakano (orgs.)
- Técnicas que fazem olhar e da empatia pesquisa qualitativa em ação*, Maria Cecília de Souza Minayo & Antônio Pedro Costa
- Tempos cruzados: a saúde coletiva no estado de São Paulo 1920-1980*, André Mota
- Unidade Básica: a saúde pública brasileira na TV*, Helena Lemos Petta
- Decisões políticas e mudanças limitadas na saúde*, Carmem E. Leitão Araújo
- Ambulatório de especialidades: subsídios conceituais e organização de serviços a partir das experiências da enfermagem*, Carla Aparecida Spagnol & Isabela Silva Câncio Veloso (orgs.)
- Clínica comum: fragmentos de formação e cuidado*, Angela Aparecida Capozzolo, Sidnei José Casetto, Viviane Maximino & Virginia Junqueira (orgs.)
- Contribuições do Mestrado Profissional para o ensino da enfermagem: experiências inovadoras no âmbito do SUS*, Cláudia Mara de Melo Tavares, Lucía Cardoso Mourão, Ana Clementina Vieira de Almeida & Elaine Antunes Cortez (orgs.)
- O método apoio como ferramenta de prevenção e enfrentamento da judicialização da saúde no SUS*, Tarsila Costa do Amaral
- Violências e suas configurações. Vulnerabilidades, injustiças e desigualdades sociais*, Lina Faria (org.)
- Quando a história encontra a saúde*, Ricardo dos Santos Batista, Christiane Maria Cruz de Souza & Maria Elisa Lemos Nunes da Silva (orgs.)
- Atenção Básica é o caminho! Desmontes, resistências e compromissos: contribuições das universidades brasileiras para avaliação e pesquisa na APS. A resposta do Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) para a avaliação da Atenção Primária à Saúde*, Marco Akerman, Patricia Rodrigues Sanine, Maria do Carmo Guimarães Caccia-Bava, Felipe Alvarenga Marim, Marília Louvison, Lucila Brandão Hirooka, Cecília Kayano Moraes & Maria Cristina da Costa Marques (orgs.)
- Atenção Básica é o caminho! Desmontes, resistências e compromissos: contribuições das universidades brasileiras para avaliação e pesquisa na APS. Perspectivas: Avaliação, Pesquisa e Cuidado em Atenção Primária à Saúde*, Marco Akerman, Patricia Rodrigues Sanine, Maria do Carmo Guimarães Caccia-Bava, Felipe Alvarenga Marim, Marília Louvison, Lucila Brandão Hirooka, Cecília Kayano Moraes & Maria Cristina da Costa Marques (orgs.)
- Entre o Público e o Privado: Hospital São Paulo e Escola Paulista de Medicina (1933 a 1988)*, Ana Nemi
- Sobre a pandemia: experiências, tempos e reflexões*, André Mota (org.)
- Formação e Educação Permanente em Saúde: Processos e Produtos no Âmbito do Mestrado Profissional, volume 3*, Benedito Carlos Cordeiro, Helen Campos Ferreira & Miriam Marinho Chrizotimo (orgs.)
- Atenção primária e atenção especializada no SUS: análise das redes de cuidado em grandes cidades brasileiras*, Cristiane Pereira de Castro, Gastão Wagner de Sousa Campos & Juliana Azevedo Fernandes (orgs.)
- Itinerários de Asclépios: para a compreensão da gestão da clínica*, Giovanni Gurgel Acirole
- Saúde, ecologias e emancipação: conhecimentos alternativos em tempos de crise(s)*, Marcelo Firpo, Diogo Ferreira da Rocha & Marina Tarnowski Fasanello
- Medicalização do parto: saberes e práticas*, Luiz Antonio Teixeira, Andreza Pereira Rodrigues, Marina Fisher Nucci & Fernanda Loureiro Silva
- Nas Entradas da Atenção Primária à Saúde: o cotidiano entre a formação e a prática*, Felipe Guedes, Gastão Wagner de Sousa Campos, Lilian Soares Vidal Terra & Mônica Martins de Oliveira Viana
- Atenção Primária à Saúde: uma história brasileira*, Carlos Henrique Assunção Paiva & Fernando Pires-Alves
- Ensaio fora do tubo: a saúde e seus paradoxos*, Luiz David Castiel
- Educação permanente em saúde no Brasil: contribuição para a compreensão e crítica*, Cristiane Lopes Simão Lemos
- Saber operário, construção de conhecimento e a luta dos trabalhadores pela saúde*, José Augusto Pina, José Marçal Jackson Filho, Katia Reis de Souza, Mara Alice Batista Conti Takahashi, Lucas Bronzatto Silveira (orgs.)
- Cativeiros enfermos: assistência e saúde no Brasil escravista*, Tânia Salgado Pimenta & Flávio dos Santos Gomes (orgs.)
- Economia Política da Saúde: uma crítica marxista contemporânea*, Áquilas Mendes & Leonardo Carnut (orgs.)

AS DEMAIS OBRAS DA COLEÇÃO “SAÚDE EM DEBATE” ACHAM-SE NO FINAL DO LIVRO.

ECONOMIA POLÍTICA DA SAÚDE
uma crítica marxista contemporânea

Áquilas Mendes
Leonardo Carnut
organizadores

ECONOMIA POLÍTICA DA SAÚDE
uma crítica marxista contemporânea

Hucitec Editora
São Paulo, 2022

© Direitos autorais da organização, 2022,
de Áquilas Mendes & Leonardo Carnut
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209, 04110-020 – São Paulo, SP
Telefone (55 11 3892-7772)
www.lojahucitec.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assessoria editorial: MARIANA TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

Preparação e revisão: JORGE MOUTINHO LIMA

Escolha de Poemas: ALMARA MENDES

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E22

Economia política da saúde : uma crítica marxista contemporânea / organização Áquilas Mendes, Leonardo Carnut. - 1. ed. - São Paulo : Hucitec, 2022.

290 p. ; 21 cm. (Saúde em debate ; 333)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-269-2

1. Saúde pública - Economia. 2. Economia da saúde. 3. Economia marxista. I. Mendes, Áquilas. II. Carnut, Leonardo. III. Série.

22-77484

CDD: 338.473621
CDU: 338:616

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Elogio da dialética

*A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.
Só a força os garante. Tudo ficará como está.
Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.
No mercado da exploração se diz em voz alta:
Agora acaba de começar!
E entre os oprimidos muitos dizem:
Não se realizará jamais o que queremos!
O que ainda vive não diga: jamais!
O seguro não é seguro. Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem
Falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio? De nós.
De quem depende a sua destruição? Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.
E o “hoje” nascerá do “jamais”.*

Bertolt Brecht

SUMÁRIO

- 11 **PREFÁCIO**
Plínio de Arruda Sampaio Jr.
- 15 **APRESENTAÇÃO,**
Os organizadores
- 23 **CAPÍTULO 1 – Economia Política da Saúde: subsídios para
uma Economia Política crítica marxista**
Áquilas Mendes & Leonardo Carnut
- 70 **CAPÍTULO 2 – O capital como um momento político: prin-
cípios para pensar o Estado capitalista**
Hugo Rezende Tavares
- 96 **CAPÍTULO 3 – Crise do capital e o Estado: o desmonte da
Saúde Pública brasileira em curso no neofascismo de Bol-
sonaro**
Áquilas Mendes

- 154 **CAPÍTULO 4** – Neofascismo e burguesia associada: o SUS na mira da extrema-direita
Leonardo Carnut
- 189 **CAPÍTULO 5** – Fundo público e ajuste fiscal permanente no capitalismo contemporâneo em crise: impactos para o financiamento da saúde
Elaine Rossetti Bebring
- 227 **CAPÍTULO 6** – O capitalismo também mata pela boca: alimentação e crítica marxista — a tríade alimento-mercado-
doença no cenário (trans)pandêmico
Lúcia Dias da Silva Guerra
- 269 **CAPÍTULO 7** – Em meio à crise econômica e sanitária, qual o caminho para uma alternativa ao bolsonarismo?
Carlos Octávio Ocké-Reis
- 279 **SOBRE OS AUTORES**

PREFÁCIO

*E*conomia Política da Saúde: uma crítica marxista contemporânea é uma reflexão teórica e histórica sobre a relação entre capitalismo, doença e política de saúde na sociedade brasileira contemporânea. Tendo como pano de fundo os efeitos devastadores da crise estrutural do capital sobre o Brasil, os autores discutem os condicionantes econômicos e políticos responsáveis pelo processo de sucateamento que ameaça o Sistema Único de Saúde (SUS) criado pela Constituição de 1988.

Organizado pelos professores Áquilas Mendes e Leonardo Carnut, duas referências da Economia Política da Saúde, o livro contrapõe a perspectiva marxista ao pensamento reificado da Economia da Saúde. No lado oposto dos que se escudam numa falsa neutralidade acadêmica para camuflar a cumplicidade com o *status quo*, o trabalho é um libelo contra o desmonte da Saúde Pública impulsionado pelas políticas neoliberais que, há décadas, comandam a racionalidade do Estado brasileiro.

Ainda que os textos tenham sido escritos de maneira independente, tratando de diferentes aspectos da questão, unifica-os o esforço de desvendar a relação orgânica entre crise capitalista, Estado neoliberal, ajuste fiscal permanente, privatização dos serviços públicos, sucateamento do SUS, rebaixamento sistemático

das condições de vida e saúde dos trabalhadores e acirramento do caráter antidemocrático da burguesia. A publicação almeja um duplo objetivo: estabelecer as bases teóricas e metodológicas da Economia Política da Saúde; e fazer uma análise concreta do impacto da conjuntura nacional sobre a política de saúde. Atenção especial é dedicada ao período mais recente, marcado pela presença da ultradireita no comando do Estado.

O resultado é uma crítica contundente à subordinação da Saúde Pública à lógica do capital financeiro, que controla com mão de ferro o Estado brasileiro. A conclusão que daí se deriva é inequívoca. A política do capital que corresponde à fase do capitalismo em descenso é incompatível com a construção de políticas públicas universais. Os autores advertem que, nos momentos de crise econômica aberta, o acirramento da luta de classes gera o caldo de cultura para aventuras despóticas. A ofensiva sobre os direitos dos trabalhadores, as políticas sociais e o meio ambiente requer formas políticas cada vez mais arbitrárias e violentas.

Escrito no calor dos acontecimentos, em plena pandemia de coronavírus, quando a necessidade histórica de um sistema nacional de Saúde Pública se revelou incontornável, com o país imerso na maior crise econômica de sua história, enfrentando uma crise social aguda e sob a ameaça permanente de ruptura institucional, *Economia Política da Saúde* não disfarça a gravidade do momento histórico. Sua publicação não poderia ser mais oportuna. Na ausência de um programa político alternativo, a sociedade fica condenada a buscar uma solução para as taras do capital dentro do neoliberalismo — uma verdadeira quadratura do círculo.

Para além das controvérsias teóricas e das polémicas em torno das interpretações históricas e políticas que as formulações apresentadas possam suscitar — sem dúvida, uma das riquezas do trabalho —, o livro desvela o processo de desconstrução do SUS. A sistemática asfixia financeira das políticas públicas e as medidas que transformam a saúde numa frente de negócios para o capital comprometem irremediavelmente as bases materiais e institucionais do SUS.

Algumas evidências apontadas pelos autores falam por si. A crise da Saúde Pública é um fenômeno estrutural que atravessa todos os governos da Nova República. Entre 1995 e 2019, o gasto da União com ações e serviços públicos em saúde ficou estagnado no patamar de 1,7% do Produto Interno Bruto (PIB), sendo quase quatro vezes inferior ao gasto médio com despesas com juros da dívida pública no período. No entanto, a responsabilidade pela crise do SUS, que atende quase 80% da população, não pode ser reduzida à gestão do governo federal. Todas as esferas governamentais e todos os poderes da República são cúmplices da transformação da doença num grande negócio. A consequência é a crescente mercantilização da saúde, evidente na expressiva drástica redução na participação do setor público (União, estados e municípios) no total dos gastos com saúde — de 67% para 42%, entre 1993 e 2019.

Ao contrário do que seria de se supor, a tragédia sanitária não significou uma revalorização da Saúde Pública. Não obstante o reconhecimento generalizado da população sobre a importância estratégica do SUS no enfrentamento da pandemia, os cortes orçamentários no Ministério da Saúde persistiram. Basta lembrar que os recursos aprovados pelo Congresso Nacional para o Ministério da Saúde no orçamento federal de 2021, em plena pandemia, foi inferior ao de 2020. Em 2022, houve novos cortes. O orçamento do Ministério da Saúde, excluídas as despesas com a pandemia de Covid-19, é o menor desde 2012.

O recado de *Economia Política da Saúde* é inequívoco. O que explica a dotação de recursos orçamentários não é a necessidade social da população, mas a força política dos interesses que controlam os fundos públicos. Sem construir correlação de forças para o enfrentamento dos interesses do grande capital, a população fica condenada a escolher entre as doses do veneno. Há consenso entre os autores de que Bolsonaro corresponde à dose máxima. Escrito com o espírito de qualificar o debate sobre os problemas da Saúde Pública e suas possíveis soluções, *Economia Política da Saúde* é um livro de combate. Deve ser lido e debatido por todos que queiram

compreender a crise da Saúde Pública como um aspecto da crise capitalista que não será superada sem mudanças profundas em todas as dimensões da sociedade.

— Plínio de Arruda Sampaio Jr.
Professor aposentado do Instituto de Economia da
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

APRESENTAÇÃO

Rondó da liberdade
*É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.
Há os que têm vocação para escravo,
mas há os escravos que se revoltam contra a escravidão.
Não ficar de joelhos,
que não é racional renunciar a ser livre.
Mesmo os escravos por vocação
devem ser obrigados a ser livres,
quando as algemas forem quebradas.
É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.
O homem deve ser livre...
O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo,
e pode mesmo existir até quando não se é livre.
E no entanto ele é em si mesmo
a expressão mais elevada do que houver de mais livre
em todas as gamas do humano sentimento.
“É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer”.*

Carlos Marighella

Conviver com tempos de crise do capitalismo, nas suas dimensões econômica, política, ecológica e, mais recentemente, sanitária, tem sido muito duro para o conjunto da classe trabalhadora no mundo e no Brasil dependente e periférico. Vidas perdidas, desgastadas, precarizadas e expropriadas dos direitos sociais constituem as marcas típicas do capitalismo contemporâneo. Essas expropriações arrancam dos seres sociais suas condições de existência, particularmente por meio da mercantilização e da privatização que ocorrem em bens públicos, como na saúde, e as convertem em capital.

Não resta dúvida de que os embates contra os direitos sociais devem ser compreendidos na totalidade da dinâmica capitalista em sua fase contemporânea, na qual a relação entre a forma-valor e o Estado capitalista trabalha em pura organicidade para destituir, por exemplo, o direito à saúde e arrastá-lo para os objetivos de rearranjo do processo de acumulação. Trata-se de reconhecer, então, a magnitude da crise na Saúde Pública brasileira como parte integrante da crise do capitalismo em suas formas sociais determinantes: a crise da forma mercadoria, da forma-valor; a crise da forma política estatal, sobre as crescentes “modalidades privatizantes de gestão das políticas sociais” e dos “ajustes fiscais permanentes”; e da crise da forma jurídica consoante com a forma política estatal, evidenciando a crise da forma direito (Pachukanis, 2017) — em particular, do direito à saúde.

Por mais que a conjuntura esteja tão hostil aos trabalhadores e trabalhadoras, extremamente acirrada pela pandemia do Covid-19, especialmente no Brasil, que nos impeça de ver além do que a aparência nos apresenta, deve-se atentar que a dinâmica do golpe de 2016, a decadência econômica e o neofascismo não vêm apenas nesse momento depositando suas nefastas intenções no Sistema Único de Saúde (SUS). Mas sim, já em período anterior, é possível constatar que esse quadro segue o trilho do neoliberalismo, atualmente com sua “virada autoritária”, ultraneoliberalismo (Boffo, Saad-Filho & Fine, 2019), e vem focando onde realmente interessa para os negócios mais atuais do capital fictício hegemô-

nico na dinâmica capitalista, como na asfixia financeira do SUS com a EC-95 e na Atenção Primária à Saúde com as medidas legais impostas pelo governo Bolsonaro no sentido privatizante.

É com esse entendimento que o presente livro busca decifrar os sentidos da crise da Saúde Pública brasileira, por meio de seu frágil financiamento, ancorados na crise do capitalismo contemporâneo, em que se torna explícita a relação orgânica entre o Estado e o capital, imbricando crises econômicas, políticas, ecológicas e sociais. Compreendemos ser essencial refletir sobre a essência da barbárie do capitalismo contemporâneo e a persistência de seus problemas na saúde com base na economia política crítica marxista.

Nessa perspectiva, Marx analisou o mundo no seu aspecto político não apenas nas suas obras especificamente políticas, mas também nos seus textos econômicos. Como nos lembra a célebre cientista política marxista Ellen Wood (2003, p. 28), “sua crítica da economia política teve, entre outras coisas, o propósito de revelar a face política da economia que havia sido obscurecida pelos economistas políticos clássicos”. Marx supera a economia política fundante de Adam Smith e David Ricardo ao revelar que a produção capitalista diz respeito às relações sociais e à disposição do poder que se estabelecem entre os trabalhadores e os capitalistas. Daí, quando nos indagamos acerca dos fundamentos, conteúdos e objetivos da política, particularmente da saúde, na sociabilidade capitalista, torna-se necessária a compreensão da vinculação entre o âmbito da produção, da distribuição e do consumo das mercadorias com o das instituições governamentais e jurídicas de um determinado povo.

Tem sido recorrente, historicamente, que certos setores da esquerda, inclusive no campo da Saúde Coletiva, advogam pelo caminho institucional das “reformas” por se iludirem com a ideia de que o Estado existente possa estar a serviço de todos (Correia, 2015). Segundo nossa percepção, expressa neste livro, um passo promissor na constatação dos limites do Estado é compreender sua “intrincada” relação com o modo de produção capitalista na diacronia em que estamos vivendo.

Nesses tempos turbulentos de supremacia do capital fictício, o Estado brasileiro não cessou esforços em apoiar o setor privado, adotando mecanismos de funcionamento que vem impondo riscos graves à saúde universal ao longo do período de existência do SUS. Desse modo, entendemos que, sem uma reflexão crítica radical sobre esses persistentes problemas, é praticamente impossível compreendê-los simplificarmente. Por isso, para cumprir tarefa de tal envergadura, o pensamento requer uma qualidade infratora que rompa as fronteiras das análises corriqueiras e dos enfrentamentos mais setoriais. Esse é o desafio que se impõe no presente livro, *A economia política da saúde: uma crítica marxista contemporânea*.

A decisão final e inspiradora desta obra teve origem após a realização da **mesa-redonda** coordenada por Áquilas Mendes, intitulada “Economia política do financiamento da saúde no Brasil: alternativas ao neofascismo e ultraliberalismo”, por ocasião do 4º Congresso de Política, Planejamento e Gestão em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) em 2021 e que contou com a participação dos professores Leonardo Carnut, Elaine Behring e Carlos Ocké-Reis. Além dos textos discutidos nesse evento, foram incorporados outros produzidos pelos organizadores no último ano, em que juntos, com a colaboração de Lucia Dias da Silva Guerra e Hugo Rezende Tavares, vêm consolidando seu trabalho no campo da Economia Política marxista da saúde.

O livro está estruturado em sete capítulos. O primeiro capítulo abre o pensamento central que ancora a chave de análise mais ampla da obra. Escrito pelos organizadores, o capítulo 1, “Economia Política da Saúde: subsídios para uma economia política crítica marxista”, caminha tentando demonstrar que há diferenças entre “Economia da Saúde” e “Economia Política da Saúde”, realizando a defesa de uma abordagem crítica marxista no campo da Economia da Saúde. Para isso, o ensaio crítico foi dividido em três partes. A primeira delinea o que se convencionou compreender como “Economia da Saúde”. A segunda trata do caminho da “Economia Política” à “Economia Política da Saúde”. A terceira parte foca na constituição da “Economia da Saúde” no

Brasil e sua submissão à teoria econômica neoclássica. Por fim, traçam-se considerações sobre como conduzir o campo da Economia da Saúde, numa perspectiva da economia política crítica da saúde, para defesa do direito à saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil.

O capítulo 2, “O capital como um momento político: princípios para pensar o Estado capitalista”, elaborado por Hugo Rezende Tavares, busca analisar o Estado como a síntese do momento político do capital. As relações jurídicas e políticas decorrem materialmente das relações sociais capitalistas, portanto, constituem um momento da totalidade do processo de exploração, reprodução e acumulação capitalista. O Estado apenas se apresenta como regulador do interesse público por meio da forma alienada que assume sua essência contraditória. Contudo, esse Estado e seu aparato são, para além do fetiche da forma política, as condições necessárias de existência da possibilidade da relação de exploração. Dentro da forma política, encontra-se uma objetividade teleológica determinada pelas necessidades do automovimento do valor em relação consigo mesmo em seu processo de acumulação. Tavares argumenta que o Estado é a síntese das relações políticas alienadas pela sociabilidade universal do capital, portanto, não é capaz de superar as contradições por ela impostas; ao contrário, é, em seu limite, condição *sine qua non* da possibilidade da reprodução contínua da opressão de classe do capital.

O capítulo 3, “Crise do capital e o Estado: o desmonte da Saúde Pública brasileira em curso no neofascismo de Bolsonaro”, foi escrito por Áquilas Mendes. Seu objetivo é aprofundar a discussão crítica sobre as políticas adotadas pelo governo Bolsonaro para a Saúde Pública no que diz respeito ao financiamento em geral, ao enfrentamento da pandemia e, particularmente, no que tange ao primeiro ano de implantação do novo modelo de alocação dos recursos federais à Atenção Primária à Saúde do SUS, buscando compreendê-lo no contexto da crise contemporânea do capital e sua relação com a forma política estatal no capitalismo dependente brasileiro. A análise crítica se apoia numa reflexão em que se evidencia o acirramento da legitimidade restrita do regime

político, com a sua forma assumida por políticas ultraneoliberais e pelo neofascismo do governo Bolsonaro.

Esse capítulo está organizado em três partes. A primeira discute a abrangência da crise tripla do capital — sanitária, econômica e ecológica — e sua relação orgânica com o papel do Estado no capitalismo dependente brasileiro, permitindo espaço para o crescimento do regime político de legitimidade restrita, com a ascensão do neofascismo de Bolsonaro. A segunda parte aborda a crescente continuidade do desfinanciamento do Sistema Único de Saúde em plena crise do Covid-19, demonstrando o caráter genocida do neofascismo de Bolsonaro ao manter a queda do volume de recursos destinados ao SUS. A terceira parte discute as medidas e os efeitos do primeiro ano de implementação do modelo de financiamento da Atenção Primária à Saúde, evidenciando a continuidade do processo de valorização de um SUS operacional em detrimento do seu princípio de universalidade, associado à dimensão neofascista do governo Bolsonaro em pleno curso.

O capítulo 4, “Neofascismo e burguesia associada: o SUS na mira da extrema-direita”, de Leonardo Carnut, realiza uma revisão crítica ensaiando dialeticamente a relação entre o capital internacional e sua relação com o neofascismo e suas repercussões no Brasil em geral e na Saúde Pública em particular. O estudo está dividido em quatro partes. A primeira trata do papel da crise do capital como gatilho do fascismo em uma chave marxista. A segunda parte aborda como o neofascismo emerge como resposta à dinâmica capitalista na fase neoliberal do capitalismo. A terceira apresenta a burguesia associada brasileira e suas relações com os neofascistas e com o capital internacional. A quarta estabelece algumas relações entre a burguesia associada e seus interesses em desfinanciar o Sistema Único de Saúde e aproveitar a pandemia do Covid-19 para encampar o projeto genocida governamental.

O capítulo 5, “Fundo público e ajuste fiscal permanente no capitalismo contemporâneo em crise: impactos para o financiamento da saúde”, escrito por Elaine Behring, trata da compreensão sobre o fundo público em sua relação com o ambiente de ajuste fiscal permanente no Brasil e as repercussões sobre a saúde

como política de seguridade social. O capítulo está dividido em três seções. A primeira caracteriza a condição geral do financiamento da saúde e das políticas sociais, acrescentando breves comentários sobre o orçamento federal de 2021. A segunda seção busca evidenciar mediações, especialmente sobre a crise capitalista, para se compreender o ajuste fiscal brasileiro. A terceira aborda a resposta brasileira à crise em razão do ambiente de ajuste fiscal permanente que se instala no país.

O capítulo 6, “O capitalismo também mata pela boca: alimentação e crítica marxista — a tríade alimento-mercadoria-doença no cenário (trans)pandêmico”, é de autoria de Lúcia Dias da Silva Guerra e trata de um tema bastante contemporâneo que relaciona a crise ecológica e pandêmica com a problemática da alimentação. Visa analisar a alimentação com base na crítica marxista, recorrendo a processos históricos e sociais sobre o lugar da alimentação na sociabilidade do capital. O capítulo organiza-se em quatro partes. A primeira expõe as contradições existentes no tecido social sobre o tema. A segunda aborda a análise histórica da situação de fome, alimentação, disponibilidade e acesso aos alimentos para a classe trabalhadora, destacando seus usos políticos como arma de extermínio e assassinato social dessa classe. A terceira parte traz uma retomada do potencial revolucionário que a fome, a alimentação e o alimento têm para arregimentar forças para a luta política, mas também destaca a sua forma violenta de uso para a dominação política capitalista. A quarta parte discute a problemática dos sistemas agroalimentares no contexto do capitalismo em crise, seus efeitos na propagação de doenças como a Covid-19 e a situação alimentar desastrosa produzida por esse modo de produção.

O capítulo 7, “Em meio à crise econômica e sanitária, qual o caminho para uma alternativa ao bolsonarismo?”, escrito por Carlos Ocké-Reis, encerra as reflexões críticas deste livro, numa modalidade textual tipo ensaio curto crítico. Seu objetivo é promover uma análise da conjuntura político-econômica brasileira do financiamento da saúde para superação do neofascismo e do ultraneoliberalismo. O autor trabalha com duas indagações principais:

1) que lições uma frente de esquerda poderia tirar do balanço da conjuntura, na perspectiva de pressionar Bolsonaro e deslocar o centrismo, visando à mudança da correlação de forças?; 2) o que fazer para salvar vidas, como alternativa ao bolsonarismo?

Por fim, é importante dizer que o mais essencial para a reflexão acerca dos desafios da Saúde Pública nos tempos do capitalismo da barbárie é que este livro não deixa, em nenhum momento, de articular muito bem a necessidade de um debate estratégico que se apoie firmemente numa crítica ao capital e suas formas de exercício de dominação, mantendo presente a força da luta de classes para a construção de uma sociedade socialista. Sem dúvida, trata-se de um livro essencial que possa contribuir para ampliar o horizonte do campo da Saúde Coletiva — e que procura instigar a autocrítica sem desqualificar o empenho dos sanitaristas na luta política do perverso tempo social em que se encontram.

São Paulo, 2021.

Áquilas Mendes
Leonardo Carnut
(organizadores)

REFERÊNCIAS

- BOFFO, Marco; SAAD-FILHO, Alfredo; FINE, Ben. Neoliberal capitalismo: the authoritarian turn. *Socialist Register*, Canada, vol. 55, pp. 312-20. 2019.
- CORREIA, Marcus Orione Gonçalves. Por uma crítica imanente sobre os limites das políticas públicas de direitos sociais e o Estado na produção do bem comum no modo de produção capitalista. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, vol. 24, supl. 1, pp. 55-65, 2015.
- PACHUKANIS, Évgueni. *A teoria geral do direito e o marxismo e ensaios escolhidos (1921-1929)*. São Paulo: Sundermann, 2017.
- WOOD, Ellen. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.